

Palestra VILEM FLUSSER

MESA REDONDA 09 FEV 88

Quando recebi a tarefa de pensar sobre o projeto da Casa da Cor, imediatamente se impôs sobre o meu pensamento, uma hierarquia de problemas.

O primeiro problema era: como conceber um projeto deste tipo?

O segundo era como conceber o conceito "Casa" no interior de um tal projeto? E, finalmente, o terceiro problema era: como conceber o papel da cor dentro de uma casa assim projetada?

Os Senhores terão notado que na verdade não se trata de uma hierarquia, mas se trata de uma espécie de "jogo de bonecas russas".

A boneca Projeto inclui a boneca Casa, e a boneca Casa inclui a boneca Cor.

Nestas reflexões que lhes apresento agora vamos deixar fora a grande boneca. O problema do projeto é o nosso problema em comum e é o desafio que está posto diante de nossa cara. Será que vale a pena elaborar um projeto para depois tentar realizar este projeto? Ponho entre aspas este problema e dirijo sua atenção para o problema Casa. Ora, todos os que têm a ver com a revolução atualmente em curso - a saber: a revolução comunicológica - se dão conta que um dos pontos fundamentais desta revolução é o problema Casa.

Permitam-me, rapidamente, desenhar os contornos da problemática.

Na situação precedente a revolução atual e, em certo sentido, ainda na situação que continua prevalecendo, há dois espaços existenciais: o espaço Público e o espaço Privado. Esta divisão é tomada por Hegel como a Dialética da Consciência: "Se eu saio de casa eu me perco no mundo e se eu volto do

mundo, perco a mim mesmo" (isto depois foi elaborado por Marx e mais tarde por Sartre). E preciso notar que esta divisao fundamental entre "lugar Privado" e "lugar Publico" reside sobre a constatacao concreta que, para eu poder recolher informacoes, preciso sair do espaco Privado rumo ao espaco Publico e trazer estas informacoes para o espaco Privado, elaborando, assim, novas informacoes de volta e expondo-as em praça publica para serem recebidas por outros. Em suma: e o transito da vida humana que transporta as informacoes.

A revolucao atual consiste, em resumo, no fato de que agora sao as informacoes que circulam, e que os homens e que sao fixos.

A famosa Dialetica da consciencia nao existe mais. Nao existe mais praça publica, porque ela esta ocupada por cabos visiveis ou invisiveis que transportam informacoes.

O conceito Publico e o conceito Privado tem que ser repensados de "cabo a rabo". O melhor talvez seria abandonar o conceito "Politico" de todo e por outro lado, considerar o lugar Privado aberto as informacoes, invadido pelo Publico; (ou para dizer isso em termos gregos: "A economia ocupou o espaco da Politica"; por outro lado o Publico ocupou o privado, a censura, se querem assim, ocupou a Politica).

E muito dificil conscientizarmos as consequencias eticas e esteticas de tal revolucao, pois a revolucao poe em questao os nossos valores. Por exemplo: valores como propriedade, familia, engajamento e politica, sao todos conceitos que tem que ser repensados, e como o processo esta apenas no inicio, negamo-nos geralmente a faze-lo dizendo: "isto nao e para nos, vamos nos agarrar aos conceitos tradicionais que, afinal de contas ja vigoram ha milhares de anos, e deixaremos outros se preocuparem com a transvaloracao, a superacao dos valores que a revolucao implica".

Quando e posto diante de nos, pelo Philippe, o problema de projetar e construir uma Casa que, provavelmente tem

que durar um pouco mais que 5 ou 10 anos, uma Casa que vai portanto penetrar na nova situacao, entao de chofre, isto e o desafio para repensarmos o problema. Isto nao e muito agradavel.

Quando o Philippe saiu pela primeira vez de minha casa, em Robion, eu automaticamente pensei no problema Cor e levei meses para me dar conta que, o que ele fez, foi me desafiar para pensar sobre o problema "Casa".

Ora, na tradicao temos 2 tipos de casa. A Casa Privada, com 4 muros que sustentam um teto dentro do qual me refugio do mundo... A ambivalencia do muro, que e protecao e ao mesmo tempo prisao, sobre o que ja se refletiu muito, juntamente com a ambivalencia do conceito teto, deixa passar por barato. Para que este tipo de casa funcionasse, era necessaria a existencia de 2 buracos, aparentemente semelhantes mas na realidade opostos: um buraco para eu poder ver o mundo sem me mostrar, quer dizer, um buraco para teoria chamado Janela; e um buraco pelo qual eu possa sair para o mundo para conquista-lo e depois voltar para casa com minhas conquistas, mas que tem a dialetica de que, no fundo, pode deixar o mundo entrar em minha casa a ponto de me matar: a Porta.

Quer dizer: um buraco para Teoria e um buraco para Engajamento. Esta e a visao tradicional da Casa.

Nao e possivel que queiramos construir uma casa deste tipo. E eu nao quero nem fantasiar sobre a "Casa Inteligente", que ja existe, como sabem, e cuja inteligencia consiste apenas na realizacao das tarefas caseiras; damolhe as instrucoes para que prepare, por exemplo, o jantar as 18:00h e quando regressamos, o "menu" esta feito - nao e isto o que nos interessa. A Casa Inteligente e uma memoria. Ela recebe informacoes de fora, e armazena estas informacoes de acordo com determinado sistema. Ao chegar em casa posso recolher estas informacoes segundo o meu programa ou segundo o programa de outrem.

Tal casa nao consiste mais em mundo. Nao

ha mundo para tal casa porque na verdade ela e um "rele" para informacoes. O que importa nesta Casa e que ela consiste apenas de Janelas e Portas, e nela nao ha muros. As Janelas tem a forma de telas (de televisao ou computador, ligado a cabo) e as Portas tem forma de teclados que eu aciono para emitir ou receber informacoes. Isto tudo quanto a recepcao de informacoes: nao preciso mais sair de casa para receber informacoes; pelo contrario: quando saio de casa perco informacoes. Se quero receber informacoes devo ficar em frente ao meu monitor e, constantemente, olhar minha tela para ver se nao tem nenhuma novidade.

Mas agora vou falar tambem do aspecto criativo. Nos temos dentro de nossa cabeca, pela tradicao, aquele preconceito sacralizado de que as informacoes sao criadas no Privado. Eu recolho as informacoes do Publico e as processo no Privado, ou para falar como Nietzsche "na solidao das alturas, do gelo, da neve..."

Ora, isso nao funciona mais assim. Como comecamos a ter uma Teoria da Informacao que leva a uma Teoria da Criatividade, sabemos perfeitamente bem de que maneira informacoes sao criadas. Que quer dizer Criatividade?

Distinguimos nitidamente entre 2 tipos de Criatividade: a Criatividade Variacional e a Original.

A Variacional consiste em que tenho varias informacoes disponiveis e as sintetizo para que dem uma informacao nova (99 por cento de todas as criacoes sao deste tipo).

A Criatividade Original consiste no fato de que tomo a informacao ou informacoes existentes e introduzo nestas informacoes elementos estranhos chamados "ruídos", e desta forma alcanco nova informacao.

Este tipo de processamento de dados pode ser feito na solidao, mas e muito pouco economico.

A Criatividade explode, de fato, se ela for feita por dialogo. Nao mais no isolamento de casa, mas atraves de cabos

5

e computadores ligando as coisas entre si. A força dialogica da Criatividade, - que fora suspeitada pelos gregos e judeus ja quando argumentavam em prol da vida dialogica, - esta força agora e experimentada na pratica.

A Criatividade exclui Casa (no sentido de casa com 4 muros - 1 teto). Para eu ser criativo tenho que estar no dialogo, eu tenho que estar com o outro (no sentido de Casa como rele-de-informacoes). Para mim ficou claro, portanto, que o projeto de uma Casa da Cor exigia que pensassemos no conceito "Casa" de uma forma que ainda nao tem modelo - nao existe um modelo de tal casa. O problema entao, deixou de ser arquitetônico e passou a ser comunicológico. Nao se trata de fazer muro que sustente um telhado, mas trata-se de se fazer um "rele" que transporte informacoes criativamente.

Quando o Philippe apareceu em minha casa, ocorreu-me o seguinte: porque justamente fazer a casa em Sao Paulo? Por que nao faze-la em Toquio ou em Moscou que, aparentemente, sao lugares mais apropriados ?

Sao Paulo, na verdade, nao e cidade. Se defino cidade como o lugar da "consciencia infeliz" (Hegel), quer dizer, lugar do pendulo entre a casa privada e a praça publica - Sao Paulo entao nao e uma cidade neste sentido porque nao tem praça publica (no sentido de local de encontro dos cidadãos).

Sao Paulo e um amontoado de casas, que formam um colossal e monstruoso lugar privado.

Se abriremos em Sao Paulo um lugar como a Casa da cor, uma Casa neste novo sentido, quem sabe nao faremos deste lugar uma verdadeira Cidade? Nao no sentido tradicional, mas no sentido daquela vida do futuro na qual a distincão entre Privado e Politico nao faz mais sentido.

Como modelos de cidade quero citar dois exemplos: como o primeiro, Paris.

Ora, Paris e um modelo de cidade. Paris e cidade como cidade deve ser. Basta ficar uma hora em Paris para saber que

isto é um modelo de cidade. Tem casas privadas de todo o tipo, tem praças públicas de todo o tipo, e o pendulo entre Privado e Público é totalmente típico. O parisiense é o "fulano" que é mais concentrado sobre si e que também é mais politicamente consciente. Em suma: Paris é o modelo.

Ora, o Centre Poupidou caiu de cima para baixo sobre Paris. Aquelas tradicionais, colossais praças que caracterizavam Paris como a Praça de La Concorde, a praça na frente de Notre Dame, a Bastille, de repente perderam seu antigo significado. Criou-se um novo centro em torno das artes e o Marrais e Paris ficou reestruturada por um projeto muito menos radical que o nosso, que é mais ou menos uma espécie de museu dotado de memória de imagem.

A construção do Centre Poupidou mudou a estrutura de Paris, por consequência mudou a estrutura da França e, por consequência, a estrutura do mundo.

Coloco Nova York como o segundo exemplo. Nova York é uma cidade planejada. Não se trata, neste caso, verdadeiramente de cidade: tem na ponta uma pequena confusão criada pelos holandeses, mas depois as avenidas passam direto e as ruas atravessam em quadrados e tem a Broadway que serpenteia... Em suma, é uma cidade que se quis cidade mas que não conseguiu ser cidade porque não se pode planejar a espontaneidade da praça.

Se aceito que praça pública e casa privada são condições essenciais para a consciência infeliz do homem, devo aceitar que isso eu não posso projetar. Mas por que Nova York não resultou num espaço privado? Porque lá também surgiram algumas praças públicas. Cito os 2 exemplos mais importantes atualmente, o Time-life Center e o Lincoln Center.

Ora, imaginem se o nosso projeto se realizar com sua radicalidade muito maior do que esses dois projetos dos quais eu falei? O que estamos fazendo aqui é projetar uma verdadeira revolução, não apenas na estrutura de São Paulo, mas na estrutura do Brasil. Eu não conheço a América Latina, mas

acredito que talvez nenhuma cidade, com excessão de Lima, tenha uma estrutura realmente privada-publica.

Por tudo isso aceitei o projeto, por ser um desafio de primeira ordem.

Projetar uma cidade sem passado e portanto, presumidamente, com futuro. Uma cidade com uma nova ideia de praça publica, que não seja uma praça para publicar o privado e privatizar o publico, mas que seja uma praça para criar informacoes e distribui-las como o faz a força da telepresença no mundo inteiro...

Ora, isso é desafio mesmo para um velho como eu, mesmo quando sei que jamais verei aquilo. Mas a visao futurologica é um desafio.

Passado este entusiasmo e com todas as desconfianças que as coisas criam - porque toda coisa que é muito grande provavelmente acabara em nada - de toda forma, com todas estas reservas mentais, eu tinha, por obrigacao, que me debrucar sobre o problema Cor.

Sou de tradicao ocidental e portanto, enquanto pensador eu desprezo as aparencias. A cor é uma aparencia.

O projeto do Philippe obrigou-me a me debrucar sobre uma "besteirinha" como a Cor. Entao me disse: por que a Cor é uma "besteirinha"? E procurei chegar as "fontes" - como se diz atualmente (acho que foi invencao dos negros americanos isso de buscar as fontes, as raizes...)

Procurei, entao, fazer isto. Eu tinha a seguinte visao da coisa: vou tomar o velho Platao como exemplo - ele é sempre um bom exemplo pela simples razao que, segundo ele, cada qual tem o seu proprio Platao - vou lhes apresentar o meu. Platao diz o seguinte: "As aparencias, são despreziveis porque são efemerass, passam. Mas as formas, estas são eternas. As aparencias passam através das formas, estas são guardadas em alguma memoria de computador transcendente e elas nunca mudam. Teoria entao, é olhar estas formas - que são naturalmente incolores - e, depois recupera-las na medida do necessario". Uma semelhante argumentacao poderia ser encontrada no

Talmud.

Por que as aparencias nao podem, na verdade, ser desprezadas? O Philippe e culpado de eu me questionar desta forma. Por que nao podemos mais desprezar as aparencias, como a Cor, por exemplo? Porque hoje temos outras dimensoes muito alem das de Platao e do Talmud.

Platao viveu em um mundo muito modesto, mundo que tinha apenas, digamos, 5 mil anos e 10 mil km de diametro. Num mundo aparentemente tao pequeno e curto, as formas sao de fato eternas.

Tinha sempre a mesma vaca, quer dizer, as vacas morriam mas sua forma perdura eternamente.

Naturalmente, existem coisas que mudam e vou responder ao Simoneau neste sentido: Existe "moda": um sujeito faz um vaso de barro de tal forma e outro sujeito faz um vaso de barro de tal outra forma. Mas nao e que a forma mude, diria Platao. Existem diversos modelos para vasos em minha prateleira e alguns destes modelos ainda nao foram usados. Entao eu faco "teoria", eu escolho o modelo que ainda nao foi usado, retiro do armazem e ponho o barro dentro. A isso chamo de "mimesis": imitar no barro aquilo que, em teoria, estava contido na forma perfeita.

Mas nos vivemos em um mundo muito menos comodo. O nosso mundo tem 16 bilhoes de anos de idade, e a sua dimensao e a mesma, isto e, 16 bilhoes de anos-luz. A coisa e muito grande e, nessa "coisa muito grande", o homem nao e a "medida de todas as coisas", mas e, ao contrario, totalmente desprezivel enquanto medida. As formas e que sao extremamente passageiras. A vaca tem essa forma hoje, mas ela tinha outra forma ha apenas 1 milhao de anos atras. E nao somente a vaca mudou de forma mas a configuracao "eterna" das estrelas se revela apenas forma passageira que comecou no big-bang e que vai acabar na morte termica. A forma e portanto no que menos se pode confiar.

O conteudo, pelo contrario, e amorfo, pois ele esta sempre la de alguma

maneira. Talvez isto se chame "inversao fenomenologica" - mas como o Milton Vargas esta na sala eu nao posso dizer isso. A visao tecnica e formal e necessariamente importante se tivermos a mente modificada por uma atitude fenomenologica. Goethe o exprimiu da seguinte forma: "Nao se procure nada por detras das aparencias, sao elas o misterio".

Se assumo este ponto de vista, de repente a Cor passa a ser o misterio e nao o triangulo, no sentido do conteudo, e nao da forma. Entao se eu faco esta virada, essa ginastica mental, se digo que o problema da filosofia sao coisas como a Cor e nao coisas como o triangulo (admitindo, naturalmente, que - como disse Simoneau e como procurei dizer ao Campbell - ha uma dialetica entre forma e conteudo; mas vamos desprezar este problema por ora). Entao, se faco essa virada "Leonardina", ou como os senhores queiram chama-la, sou surpreendido. Nao sei se os Senhores observaram o que aconteceu na exposicao de Simoneau. Ele disse que ha varias "avenidas" de acesso ao problema Cor e que ele iria tomar algumas. Ora, ele tomou 2 ou 3 "avenidas" scientificas. Ele olhou para a Cor do ponto de vista fisiologico, neuro-fisico e mesmo, creio eu, do ponto de vista psicologico e tudo o que ele falou tem caracter scientifico, teorico, tem alguma coisa de fundamental. No momento em que ele pegou estas "avenidas", o que aconteceu? De repente ele jogou sobre nos uma multidao de informacoes e experiencias concretas, uma multidao de dados. Por que ele fez isso? E muito interessante e divertido mas e uma prova de que falta uma teoria, pois se tenho uma teoria nao preciso multiplicar exemplos.

O que significa o que Simoneau viveu diante de nos? Significa que nos dispomos de teorias mais ou menos satisfatorias da Cor enquanto fenomeno natural, mas que nao dispomos de nenhuma teoria cultural da Cor.

Os Senhores poderao dizer que e obvio porque as ciencias da cultura sao novas

e ruins e as ciencias da natureza sao boas e velhas, ou tambem o contrario, que as ciencias da natureza sao velhas e portanto sao formais e nao podem ser boas, e assim por diante... nao vou entrar em detalhes. O fato e que nao e, na verdade, surpreendente que nao haja Teoria Cultural da Cor.

Mas eu nao me satisfaco com pouco. Eu procurei ir um pouco mais longe e disse: "Quem sabe ha uma contradicao entre o termo Teoria e o termo Cor? Quem sabe a Cor, por ser pura aparencia, nao seja teoretizavel no sentido no qual nos utilizamos o termo Teoria?"

Procurei, entao fazer um teste; - porque na falta de uma teoria nao se pode senao fazer testes - olhei entao para a historia da Cor (a cor enquanto fenomeno historico), e dividi a historia do ocidente em periodos. As historias das outras culturas, embora estejam em moda hoje, o que e sintoma de morte da nossa propria cultura, eu as deixo de lado, deixo a India e todas essas coisas "bonitas", e me concentro sobre a nossa propria cultura que nao e bela, mas que conhecemos. Como dizia, com a divisao da historia ocidental em periodos, posso ver periodos de Cor, periodos de Luz e periodos de Treva. E importante notar que o problema da cor se coloca entre o problema da Luz, (que mata o escuro), as Trevas, (que comem a luz). Entao a sua pergunta por que o branco e bom, e relativa.

Escrevi uma vez por que o preto e belo, "black is beautiful". Porque nos devora, e canibal, por isso e que e belo e nos, os brancos, naturalmente vamos ser devorados pelos pretos, porque nos "refletimos" tudo (e o preto absorve tudo).

O fato e que existem 2 horizontes: o Preto e o Branco.

Existem periodos pretos, por exemplo: do nosso ponto de vista, os seculos VIII, IX e X sao os periodos de obscurantismo. Segundo Hanna Arendt, o periodo de 1890 ate 1945 e um periodo de trevas, de obscurantismo. Por outro lado existem periodos de luz, por exemplo o seculo

XVIII, ou os seculos IV e V a.c., e no meio tem periodos de cor, coloridos. Se fosse assim tao facil, como falei, seria simples fazer uma Teoria Cultural da Cor. Poderia se falar em termos de pendulo. Poderia se dizer que o periodo de obscuridade e Romantico, que o periodo de luz e Classico e que os periodos de cor, propriamente ditos, correspondem ao trecho intermediario do pendulo entre Classico e Romantico.

E muito facil dizer que todos os romanticos sao obscurantistas e todos os racionalistas sao iluminados, embora isso sirva para colocar um pouco de ordem nessa desordem.

A coisa, no entanto, assim nao anda. Este modelo e muito bonito, e quando o modelo e bonito e que a gente tem que desconfiar, porque a realidade nao e bonita... De maneira que, quando o modelo e bonito deve estar errado. Entao o meu esforco foi o seguinte, vejamos como a coisa se passa: suponhamos o seculo IV a.c., que e um periodo extremamente elegante do ponto de vista dos gregos. Ali, temos uma ideologia "incolor". Aquela que procurei expor aos Senhores, a ideologia de Platao que diz que "os artistas tem que ser expulsos da cidade porque fazem cores - como disse o Simoneau, com muita razao - fazem poluicao visual, porque a Cor e poluicao visual, e na qual toda a arte e totalmente eliminada da cidade porque nos, atenienses, somos tao grandiosos que desprezamos todos os Homeros". Mas na realidade havia arte.

Como era a Atenas de antes? Nos sabemos agora mais ou menos como ela era. Era cheia de cores, as estatuas tinham olhos de ouro e tinham labios pintados, era um "Kitsch" absolutamente inacreditavel.

Como se explica, pois, esta contradicao entre a "nobreza" da Teoria Incolor e esta poluicao visual da polis que era Atenas? Vou dar-lhes um outro exemplo: o seculo XIX. O seculo XIX foi um periodo onde a ideologia era aberta para o mundo. E a vitoria das Ciencias da Natureza. A gente diria que isso deveria explodir em

cores, com uma humanidade descobrindo a beleza, etc.. Viajava-se ate a India, e ate a molecula e ate os astros e tudo era cheio de cor... Ora, jamais existiu um periodo mais cinzento que o seculo XIX. Nao somente a cor da industria, ou a cor do dinheiro ou a cor do texto (impresso com o preto sobre o branco), mas a propria mentalidade capitalista, puritana, protestante era, de alguma maneira, uma mentalidade cinzenta. De maneira que o modelo nao funcionava porque a ideologia e a superficie colorida da cultura nao funcionavam juntas.

Cheguei, entao, a uma "brilhante" ideia: qual e a funcao da Casa da Cor que estamos projetando? Tentar elaborar uma teoria ou varias teorias da Cor que permitam manipular a coloracao na sociedade, informados por algum conhecimento teorico, e nao deixar a coisa como o Simoneau mostrou muito bem, - ha um puro diletantismo empirista que depois a gente vai chamar de "Intuicao da Arte" - que consiste, mais ou menos, em saber que, se eu mando "foie-gras" em vasilhame branco eu nao vendo e se eu mando em cinzento eu vendo. Ora, isso e puramente empirico. Por outro lado, saber qual e a relacao teorica, por exemplo, entre o "foie-gras" e a cor do vasilhame, seria um aspecto dessa teoria.

Estou fazendo uma caricatura porque na realidade como as cores agora nao sao cores quimicas como antes, mas passam a ser mais e mais cores eletromagneticas, o problema e, por exemplo, quando projeto, uma equacao matematica, programar que Cor vou dar a qual funcao desta equacao. Com base em que reflexoes teoricas vou colorir, se por exemplo vou simular no computador a evolucao biologica dos moluscos? Como e que vou distinguir as diversas formas dos moluscos, porque na simulacao por computador, a evolucao e acelerada e o que leva milhoes de anos para acontecer se passa em segundos. Entao o meu problema passa a ser como e que vou colorir os diversos

orgaos e as diversas partes, de acordo com a teoria biologica.

Dou isso como contrapartida ao "foie-gras"...

O problema agora e: serei capaz de elaborar uma (ou varias teorias da cor) que seja um pouco satisfatoria? Ou estarei condenado a perpetuar o empirismo chamado "intuicao", "inspiracao", "genialidade"? Serei obrigado a continuar "genio"? Ou poderei finalmente comecar a criar de uma maneira disciplinada?

Agora ficou claro para mim o projeto Casa da Cor. Vou resumir e certamente tudo que falei - e falei demais -, e extremamente polemico, de maneira que sei que os senhores me contestarao e ao mesmo tempo contestarao a minha contestacao do Simoneau. O que se me apresenta e: como eu ponho em discussao esse projeto? Somos chamados para refletir juntos por determinado periodo de tempo, apoiados pela BASF. Estamos entao aqui, por assim dizer, desafiados para refletirmos sobre a construcao de uma Casa para a qual nao temos modelo, dentro de uma cidade que nao e cidade e para que ela sirva de farol e de "rele" para experiencias e laboratorios que procurem elaborar uma teoria das cores que permita manipular criativamente a superficie da cultura, e, ao manipular a superficie da cultura, manipular a cultura mesmo. Eu nao posso imaginar desafio mais aventuroso.

Por isso aceitei o convite e espero que voces discutam comigo.

* * * *